

Crítica Social do “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente.

Elaborado por: Aleksander dos Santos, Carla Lins, Luciana Neves, Mariana Pereira, Roberta Binatti e Tatiana Mattos. 2006/01

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Crítica Social

O Auto da Barca do Inferno, composto por Gil Vicente, foi apresentado pela primeira vez em 1517, com o intuito tanto de divertir quanto de instruir.

Gil Vicente viveu a transição da idade Média para a Idade Moderna, foi um homem ligado ao medievalismo e ao mesmo tempo ao humanismo, ou seja, pensava em Deus, mas exaltava o homem livre.

O Auto possui um único ato dividido em cenas nas quais predominam os diálogos entre as almas, que estão sendo julgadas, com o Anjo e com o Diabo. O ambiente físico do Auto é um porto imaginário, onde estão ancoradas duas barcas: uma com destino à glorificação e outra com destino ao inferno.

No Auto da Barca do Inferno, Gil Vicente faz forte crítica social contra a sociedade de sua época questionando os valores que encobrem a hipocrisia daqueles que se julgavam exemplo de ética e de moralidade social, ocultados em seus cargos e posições sociais. Os valores e as crenças estão representados em cada uma das personagens do Auto, com exceção do Anjo e do Diabo, todas são representantes típicas da sociedade da época, na maioria das vezes designadas pela ocupação social que exercem: fidalgo, onzeneiro, sapateiro e corregedor, entre outros.

O Auto da Barca do Inferno é um simbolismo que declara que todos os homens, independente de sua posição social, hão de prestar contas de seus atos quando morrerem.

O Auto inicia-se diante do rio que conduz à eternidade, onde a alma do morto terá de embarcar no barco que vai para o céu / glorificação ou para o inferno. O céu tem o Anjo como representante enquanto o inferno é representado pelo Diabo e um companheiro. A glorificação e o inferno representam a oposição entre o bem e o mal.

As demais personagens, de acordo com a ordem que aparecem no Auto, são:

Fidalgo – chegou ao porto acompanhado de um Pajem, que levava a calda da roupa do fidalgo e uma cadeira, que simbolizava seu status social. Ele achava que por ser um membro da nobreza deveria embarcar para a glorificação. Mas foi condenado à barca do inferno por ter levado uma vida tirana, cheia de pecados.

Onzeneiro (agiota) – foi considerado pelo Diabo como um parente, portanto tinha lugar certo na barca.

Num primeiro momento o onzeneiro recusou-se a embarcar junto ao Diabo e tentou embarcar no batel que se destinava ao céu, mas foi condenado por ganância, usura e avareza e teve de voltar para o batel do inferno, onde ainda tentou convencer o Diabo a deixá-lo voltar ao mundo dos vivos para buscar o dinheiro que acumulou durante a sua vida, porém o Diabo não cedeu aos argumentos dele.

Parvo (Joane) – desprovido de tudo, ele foi recebido pelo Diabo, que tentou convencê-lo a entrar na barca do inferno, ao descobrir o destino desta barca, o Parvo insultou o Diabo e foi até a barca do céu, onde afirmou não ser ninguém e, por causa da sua humildade e modéstia, seu destino foi o paraíso.

Sapateiro – dirigiu-se ao embarque vestindo um avental e com todas as ferramentas do seu ofício. Era um homem, que apesar de participar das missas, de dar ofertas e confessar-se com freqüência, roubava e enganava os seus fregueses. Foi condenado a ir para o inferno por roubar o povo com seu ofício durante 30 anos e por falsidade religiosa.

Frade – chegou ao porto junto de sua amante e carregava uma espada e um escudo. O frade ficou indignado quando o Diabo o convidou para entrar na embarcação que tinha o inferno como destino, pois acreditava que tinha lugar reservado no paraíso por ter sido um Frade e, inconformado tenta ir junto de sua amante para a barca da glorificação. Nesta barca o anjo sequer dirigiu-lhe a palavra, e ao Parvo coube, a tarefa de condenar o Frade à barca do inferno por seu falso moralismo religioso.

Brízida – alcoviteira e feiticeira, levava consigo muitas jóias e materiais utilizados em feitiçaria para a barca e acreditava ir para o paraíso, mas o Diabo a informou que a barca dele era o lugar ideal para ela. Ao conhecer seu destino, ela tentou seduzir o Anjo para que ele a levasse para o céu, sem sucesso, foi condenada por ter sido intermediária em práticas amorosas e feitiçaria.

Judeu – apareceu no porto acompanhado de seu bode (símbolo do judaísmo utilizado em rituais de sacrifício), o Diabo não quis embarcá-lo junto ao bode na barca do inferno, ele tentou subornar o Diabo, mas este, sob o pretexto de não levar bode em sua barca, aconselhou-o a procurar a outra barca. Na barca da glorificação o Judeu encontrou o Parvo, que o acusou de ter desrespeitado o cristianismo com atitudes como urinar na igreja de São Gião e ter comido carne no dia do Nosso Senhor. O Diabo teve de embarcá-lo em seu batel.

Corregedor – chegou ao porto com vários feitos e uma vara na mão, foi convidado pelo Diabo para entrar na barca do inferno e não aceitou o convite, pois acreditava que por ter sido um membro da justiça e por ter confessado (ao padre, na igreja) tudo o que roubou em vida teria lugar na barca do céu. Quando o Diabo convidou o corregedor a entrar na barca ele exaltou a presença do Corregedor chamando-o de “Santo descorregedor”.

O Corregedor e o Diabo discutem em latim (língua utilizada pela Justiça e pela Igreja) e enquanto discutiam o Procurador chega ao porto.

Procurador – também membro do judiciário, chegou ao porto com vários livros, encontrou o corregedor e os dois decidiram tentar embarcar no batel da glorificação, eles não foram aceitos por terem utilizado em vida o poder do Judiciário em benefício próprio e tiveram de seguir rumo ao inferno.

Enforcado – chegou ao porto com a corda usada no seu enforcamento e foi recebido pelo batel dos mal-aventurados, mas recusou-se a embarcar, acreditava que a força redimiria seus erros cometidos em vida, o que não aconteceu, e ele teve de embarcar junto ao diabo.

Quatro Cavaleiros – morreram numa cruzada em defesa do cristianismo. Eles passaram cantando pelo batel infernal, o Diabo os convidou a entrar, e um dos cavaleiros recusou o convite em nome do grupo afirmando que quem morresse por Jesus Cristo não entraria em tal barca.

O Auto termina com o embarque dos quatro cavaleiros na barca da glorificação.